

CAPITAL

A MEMÓRIA E O TEMPO

por Mário Soares

Este é o nome da coluna que passarei a subscrever, regularmente, neste mesmo lugar e dia, cada semana.

Porquê a memória e o tempo?

Porque a memória, de uma vida longa e intensamente vivida, vai-se mantendo, com as falhas selectivas inevitáveis e os relâmpagos, que irrompem às vezes, inesperados, quando as ocorrências do dia a dia os suscitam. Vêm de um tempo rico em recordações - pessoas, lugares, acontecimentos, leituras - que me marcaram, no bom ou no mau sentido, e que regressam subitamente e se me impõem.

Como a minha memória é sobretudo afectiva guardou mais o que me impressionou positivamente - ou me deslumbrou - e, por um mecanismo natural, quase automático, que me escapa, eliminou depois ou recalçou, para o inconsciente, o que foi desgostante ou francamente mau. Aliás, nesta fase da minha vida já não estou em altura - nem interessado - em "ajustes de contas". Seja com quem for. Os juízos da história interessam aos historiadores e sabemos que variam com os enfoques de cada época. Não, aos memorialistas eventuais que se limitam a dar, com a verdade possível, os seus testemunhos, sempre subjectivos.

Com o tempo é diferente. Corre à nossa frente, cada vez mais rápido, inexorável, à medida que os anos vão passando e se começa a ter a consciência de que o tempo é escasso. Terrivelmente escasso. E imprevisível, apesar dos ensaios de futurologia. De resto, tudo, ou quase tudo, o que acontece, por mais importante que nos tenha parecido, acaba por se relativizar, com os anos, e referir-se apenas à circunstância: a cada ciclo político-cultural, aos combates travados, ao jogo dos interesses em presença, às ambições, ao empenhamento pessoal, aos desejos... Pouca coisa, afinal.

Mas o que seria o tempo de hoje - e o que se prepara e vem aí - sem a memória que os interpreta e lhes dá sentido, pelo menos à escala individual, de cada um de nós, segundo os nossos próprios valores, menos mutáveis do que o resto?

Isto para vos dizer, caros leitores, que nesta coluna falarei da memória e do tempo - não só do que passou mas do que vem, do que se prepara empenhadamente e do que se teme - puxando pela memória e pela experiência acumulada, na esperança, porventura vã, de fixar pessoas, situações, comportamentos, ocorrências que a marcha indelével das coisas tenderá a sepultar na poeira do tempo. Mas o efémero - não o esqueçamos - é uma das características da condição humana, das que lhe dá porventura maior grandeza.

Nesta coluna em que passo, a partir de hoje, a escrever todas as semanas para corresponder a um desafio, que me tocou e de que gostei, do director da Capital, Luís Osório. Confesso, porém, que sempre tive dificuldade em resistir aos desafios, que me põem à prova...

Lisboa, 5 de Abril de 2005